

1

Era véspera de Natal, já tarde, quando Marissa Lewis desceu do comboio para a plataforma em Brockley, movendo-se por entre a multidão bêbeda para a ponte pedonal. Os primeiros flocos de neve giravam preguiçosamente no ar, e a multidão estava cheia de calor e álcool, ansiosa por chegar a casa e começar as festividades.

Marissa era uma mulher deslumbrante, de cabelo preto, olhos cor de violeta e figura de ampulheta. Orgulhava-se de ser o tipo de rapariga sobre a qual as mães advertem os filhos. Regressava a casa do clube em Londres onde se apresentava como bailarina burlesca, e vestia um casaco preto comprido *vintage* com orla de pele, usava bastante maquilhagem, pestanas postiças e batom escarlate. Quando chegou aos degraus da ponte, dois rapazes à sua frente voltaram-se para trás, observando-a com avidez. Ela seguiu os olhares deles e viu que a metade inferior do casaco comprido se abria, revelando, enquanto subia os degraus, as meias e o cinto de ligas que usara no trabalho. Parou para apertar os grandes botões de metal, e a multidão aglomerou-se em torno dela.

– Espero que seja pele falsa – resmungou uma voz.

Marissa olhou para trás e viu uma jovem escanzelada com o namorado igualmente magro. Ambos usavam anoraques velhos e a mulher tinha cabelo comprido oleoso.

– Sim, é falsa – respondeu, com um sorriso deslumbrante a mascarar a mentira.

– Parece-me verdadeira – disse a jovem.

O namorado ficou a olhar, com a boca ligeiramente aberta, para a renda e o cinto de ligas enquanto Marissa acabava de abotoar o casaco.

– Frank! – exclamou ela, arrastando-o e subindo as escadas.

A pele do casaco de Marissa *era* verdadeira. Adquirira-o por uma pechincha numa loja *vintage* de roupa em segunda mão no Soho. Comprara-o, junto com o *nécessaire* que levava enfiado no braço.

Subiu os restantes degraus e atravessou a ponte. A linha do comboio lá em baixo brilhava ao luar, e uma fina camada de neve começava a cobrir os telhados. Quando se aproximou do fim, viu que dois jovens tinham ficado para trás e a esperavam no cimo da escada. O seu coração começou a bater mais depressa.

– Posso ajudá-la? – perguntou o mais alto, oferecendo-lhe o braço. Era bonito, com cabelo ruivo e rosto rubicundo. Usava fato de três peças, sobretudo e sapatos de couro bem engraxados. O amigo era mais baixo e vestia-se quase de forma idêntica, mas não era tão bem-parecido.

– Não é necessário – respondeu.

– Os degraus estão escorregadios – insistiu ele, pressionando-lhe um braço. Estavam a bloquear metade das escadas. Ela fitou-o por um momento e decidiu que seria mais fácil aceitar ajuda.

– Obrigada – disse, e enfiou o braço no dele. O amigo mais baixo queria levar-lhe o *nécessaire*, mas ela abanou a cabeça e sorriu. O sal rangeu debaixo dos pés quando desceram, mantendo Marissa ensanduichada entre eles. Tresandavam a cerveja e a tabaco.

– A menina é modelo? – perguntou o mais alto.

– Não.

– O que quer dizer M. L.? – perguntou o amigo, indicando as letras impressas no *nécessaire*.

– São as minhas iniciais.

– E como se chama?

– Eu sou o Sid, este é o Paul – disse o mais alto.

Paul sorriu, mostrando dentes grandes amarelos. Chegaram ao fundo das escadas e ela agradeceu-lhes, soltando o braço.

– Apetece-lhe ir beber alguma coisa?

– Obrigada, mas esperam-me em casa – respondeu Marissa.

Os tipos continuavam a bloquear metade das escadas e as pessoas passavam por eles com alguma dificuldade. Ficaram parados por um momento, à espera, a sopesar as possibilidades.

– Vamos lá, é Natal – disse Sid. Marissa afastou-se, pondo os outros transeuntes entre eles. – Ou podemos dar-lhe boleia? – acrescentou, abrindo caminho para se juntar a ela. Paul seguiu-os, empurrando um rapaz para o lado. Os seus olhos redondos brilhavam, parecendo desfocados.

– Não. Preciso de ir para casa, obrigada. Feliz Natal.

– Tem a certeza? – insistiu Paul.

– Sim, obrigada.

– Podemos tirar uma fotografia consigo? – perguntou Sid.

– O quê?!

– Apenas uma *selfie*; gostamos de uma rapariga bonita e assim teremos algo para onde olhar quando estivermos frios e sozinhos na cama à noite.

A forma como a olhavam fez Marissa pensar em lobos. Lobos famintos. Pôs-se um de cada lado e inclinaram-se. Ela sentiu uma mão no traseiro quando Sid estendeu o braço com o *iPhone* e tirou uma *selfie* e depois outra. Os seus dedos começaram a percorrer-lhe as nádegas.

– Ótimo – disse ela, afastando-se. Mostraram-lhe a foto. Ela tinha os olhos arregalados, mas não parecia tão assustada como se sentia por dentro.

– A menina está realmente em forma – comentou Sid. – Tem a certeza de que não quer tomar uma bebida?

– Temos vodca, *Malibu*, vinho – enunciou Paul.

Marissa olhou para a ponte e viu que ainda havia alguns passageiros a atravessá-la. Olhou para eles e forçou outro sorriso.

– Desculpem. Não esta noite.

Olhou para uma das câmaras de vigilância acima deles, envolta na sua esfera de plástico. Eles seguiram o olhar dela. Perceberam a indireta e afastaram-se.

– Que cabra emproada – ouviu ela Paul dizer.

Ficou para trás, aliviada, a vê-los dirigir-se para um carro na berma, mas disfarçando quando eles olharam para trás. Ouviu gargalhadas, portas a bater, e depois o motor a ser ligado. Marissa só percebeu que estivera a sustar a respiração quando o carro se afastou da estação.

Exalou e viu os últimos passageiros a descer as escadas. No cimo estava um homem alto e bonito, na casa dos cinquenta, com a mulher, esta muito pálida.

– Merda – praguejou baixinho. Correu para as máquinas automáticas de venda de bilhetes e entreteve-se a olhar para um dos ecrãs.

– Marissa! Estou a ver-te! – gritou a mulher, com a voz entaramelada da bebida. – Estou a ver-te, puta! – Ouvia-se um estrépito nas escadas enquanto a mulher se apressava na direção dela.

– Jeanette! – gritou o homem.

– Deixa-nos em paz – berrou a mulher, chegando junto de Marissa, mas detendo-se sem lhe tocar. Agitou um dedo comprido, a um centímetro do rosto dela. – Fica longe dele!

Tinha os olhos vermelhos, o rosto corado e inchado, e o batom escarlata escorrera para as comissuras dos lábios.

– Jeanette! – sibilou o homem, alcançando-a e puxando-a para trás. Embora o casal tivesse mais ou menos a mesma idade, o rosto dele continuava bonito. Isso recordou a Marissa que o tempo pode ser mais benevolente com os homens.

– Faça o possível por me manter longe dos dois, mas moramos na mesma rua. É natural que os nossos caminhos se cruzem – disse Marissa com um sorriso doce.

– És uma cabra!

– Estiveste no *pub*, Jeanette?

– Sim! – rosnou ela. – Com o *meu* marido.

– Pareces sóbrio, Don. Pensei que tu é que precisavas da bebida para a aguentar.

Jeanette levantou a mão para esbofetear Marissa, mas Don agarrou-a.

– Já chega. Porque não consegues ficar calada, Marissa? Vês que ela não está bem – protestou ele.

– Não fales como se eu não estivesse aqui – barafustou Jeanette com a fala arrastada.

– Anda, vamos – disse ele. Conduziu-a quase como a uma inválida.

– Puta de merda – murmurou Jeanette.

– Nunca ninguém me pagou por sexo! – gritou Marissa. – Pergunta ao Don!

Ele virou-se e dirigiu-lhe um olhar triste. Marissa não percebeu se ele estava assim pela alcoólica da mulher, ou por si próprio. Ajudou Jeanette a entrar no carro, acomodando-a no banco do passageiro.

Enquanto se afastavam, Marissa fechou os olhos à lembrança dele. Às vezes em que ele lhe batera à porta a meio da noite, quando a mãe dela dormia, e subiam para o quarto. A sensação do seu corpo quente contra a pele enquanto faziam amor...

Quando abriu os olhos, viu que os últimos passageiros tinham desaparecido nas ruas circundantes e que estava sozinha. A neve caía pesadamente e refletia as luzes em volta da estação. Marissa saiu para a rua e virou para a Foxberry Road. Nas janelas das casas brilhavam árvores de Natal e o ruído dos seus pés na neve quebrava o silêncio denso.

Ao fundo, a rua virava abruptamente à direita e a partir daí chamava-se Howson Road. Ela hesitou. À sua frente estendia-se a escuridão. Vários candeeiros estavam apagados, deixando apenas dois a iluminar um trecho de quinhentos metros ladeado por casas geminadas. Quisera percorrer aquela rua com outros passageiros do último comboio; havia sempre pelo menos duas pessoas que faziam o mesmo percurso, e assim a caminhada parecia mais segura. No entanto, Jeanette e os dois idiotas na estação tinham-na atrasado.

Na área de becos sombrios e janelas escuras e vazias, Marissa estugou o passo até às zonas iluminadas. Ficou aliviada quando a Coniston Road saiu da escuridão, bem luminosa graças à escola ao fundo. Virou à esquerda e passou pelo recreio antes de atravessar a rua frente ao seu portão. Este rangeu quando o abriu. As janelas encontravam-se às escuras e o minúsculo jardim da frente estava cheio de sombras. Ela tinha a chave pronta e estava prestes a enfiá-la na fechadura quando ouviu um baque suave.

– Bolas, assustaste-me, *Beaker*! – exclamou, vendo o corpo esguio e escuro do gato em cima da tampa do caixote do lixo ao lado do portão. Aproximou-se e pegou-lhe. – Anda, está demasiado frio para ficares na rua. – *Beaker* ronronou e olhou para ela com uns olhos verdes enormes. Ela encostou o rosto ao seu pelo quente. O gato pareceu dar-lhe uma trégua, depois contorceu-se nos seus braços. – Tudo bem, pequenote. – Ele saltou para o chão e atravessou a cerca para o jardim do lado.

Marissa levantou a mão para enfiar a chave na fechadura, mas o portão rangeu atrás dela. Estacou. Escutou um leve raspar e, depois, um rangido de pés na neve. Ela virou-se lentamente.

Atrás dela encontrava-se um vulto de casaco preto comprido. Tinha o rosto tapado por uma máscara de gás, e um capuz de couro preto brilhante a envolver-lhe a cabeça. Dois grandes orifícios redondos de vidro olhavam-na fixamente, e a zona do filtro alongava-lhe o rosto, pendendo logo acima do peito. O vulto calçava luvas pretas e segurava na mão esquerda uma faca longa e fina.

Marissa esforçou-se por enfiar a chave na fechadura, mas a figura correu para ela, agarrando-a pelo ombro e empurrando-lhe as costas contra a porta. A faca brilhou com o movimento e os orifícios de vidro da máscara ficaram salpicados de sangue.

O *nécessaire* caiu no chão, e Marissa levou a mão ao pescoço, só então sentindo a dor terrível do corte profundo na garganta. Tentou gritar, mas ouviu apenas um gorgolejar e sentiu a boca cheia de sangue. Levantou as mãos quando a figura cambaleou e brandiu a faca, cortando-lhe dois dedos e o tecido do casaco até aos antebraços. Ela tentou inspirar, gorgolejando e cuspidando sangue. O vulto agarrou-a pela cabeça e arrastou-a, batendo com a cara dela no pilar do portão. A dor explodiu no seu rosto e ela ouviu o osso a estalar.

Marissa tentou inspirar, mas não conseguiu; tinha os pulmões cheios de líquido. Viu, de forma quase desapegada, aquele desconhecido arrastá-la a custo pelo chão, afastando-a do portão e levando-a para o meio do minúsculo jardim. A figura cambaleou, e pareceu prestes a cair, mas equilibrou-se. Com as duas mãos, baixou de novo a faca, esfaqueando-lhe a garganta e o pescoço. Enquanto o seu sangue era bombeado para o manto de neve e a vida deixava o seu corpo, Marissa pensou ter reconhecido o rosto através dos grandes orifícios de vidro da máscara de gás.

2

O despertador da inspetora-chefe Erika Foster tocou às sete da manhã e, das profundezas das mantas, emergiu um fino braço pálido que o desligou. O quarto estava escuro e frio, e as luzes da rua brilhavam através dos estores finos como papel que ela há três anos queria mudar, mas nunca conseguira falar do assunto com o senhorio. Rolou e destapou-se, depois foi até à casa de banho, tomou duche e lavou os dentes.

Só quando se vestiu, guardou no bolso o telemóvel, a carteira e a identificação é que se lembrou de que era dia de Natal e estava convidada para almoçar em casa do comandante Paul Marsh.

– Merda – praguejou, sentando-se na cama. Passou a mão pelo cabelo loiro curto. – Merda.

A maioria dos agentes consideraria o convite para almoçar no Natal com o comandante e a sua família um privilégio, mas a relação de Erika com Marsh era... complicada.

Acabara de investigar um caso angustiante: um jovem casal que cometera vários homicídios. Como parte do seu jogo doentio, tinham raptado as filhas do comandante Marsh, e a sua mulher, Marcie, fora atacada. Isso originara uma caça ao homem. Erika fora responsável pelo resgate das crianças, e compreendia que Marsh e Marcie a tinham convidado para lhe agradecer, mas ela só queria seguir em frente com a vida.

Levantou-se e abriu o roupeiro, olhando para a sua escassa roupa, quase toda de trabalho. Procurando entre calças pretas, camisolas e blusas brancas bem penduradas, descobriu um vestido azul sem mangas. Virando-se para o espelho por cima da cómoda, segurou

o cabide sob o queixo. Descalça, Erika media um metro e oitenta. Tinha maçãs do rosto fortes e salientes, grandes olhos castanhos e cabelo loiro curto espetado.

– Chiça, estou mesmo magra – murmurou, moldando o vestido ao corpo, que antes tivera curvas. Olhou para a fotografia do falecido marido, Mark, na cómoda. – Quem precisa de fazer dieta, hein? Ser viúva fez maravilhas pela minha cintura... – O seu humor negro chocou-a. – Desculpa – acrescentou.

Mark também era polícia. Erika, Marsh e Mark tinham estudado juntos, mas Mark morrera quatro anos antes, numa rusga à casa de um traficante. A foto de Mark fora tirada na sala de estar da casa que ele e Erika haviam partilhado durante quinze anos em Manchester. O sol entrava pela janela, refletindo-se no seu cabelo loiro curto e criando um halo dourado. O seu rosto era bonito, e o sorriso, caloroso e contagiante.

– Não sei o que dizer ao Marsh e à Marcie... só quero virar a página, sem alarido.

Mark sorria-lhe de volta.

– Azar, hein? Será demasiado tarde para inventar uma desculpa?

Sim, parecia dizer o sorriso dele. *Vá lá, Erika, porta-te bem.*

– Tens razão, não posso cancelar... Feliz Natal. – Levou um dedo aos lábios e encostou-o ao vidro.

Erika foi até à pequena cozinha/sala de estar, mobilada com um pequeno sofá, televisão e uma estante meio vazia. Em cima do micro-ondas havia uma minúscula árvore de Natal de plástico. Estivera em cima da televisão em anos passados, mas desde o advento dos ecrãs planos, o micro-ondas era o único sítio onde podia estar sem parecer ridícula. Ligou a máquina do café e abriu as cortinas. O parque de estacionamento e a estrada estavam cobertos por um tapete de neve, que tinha um brilho alaranjado sob os candeeiros da rua. Não se viam pessoas nem carros, e ela sentiu-se sozinha no mundo. Uma rajada de vento soprou, deslocando alguma neve e amontoando-a junto ao muro do estacionamento.

O telefone fixo tocou enquanto ela se servia de café. Dirigiu-se ao corredor e atendeu, à espera de um milagre e que o almoço tivesse sido cancelado. Era o pai de Mark, Edward.

– Acordei-te, querida? – perguntou ele, com o seu caloroso sotaque do Yorkshire.

– Não, já estava a pé. Feliz Natal!

– Feliz Natal para ti também. Está frio aí em Londres?

– Temos neve – respondeu ela. – Chega apenas aos tornozelos, é certo, mas é o suficiente para ser assunto nas notícias.

– Aqui, temos um metro e vinte. E em Beverley, ainda mais. – A voz dele soava frágil e tensa.

– Tens-te mantido bem agasalhado?

– Sim, querida. Tenho a lareira acesa e, como me sinto um pouco mãos-largas, mantenho-a acesa o dia todo... É uma pena não te ver.

– Vou aí no Ano Novo. Guardei uns dias de férias.

– Puseram-te a trabalhar hoje?

– Hoje, não. Fui convidada para almoçar em casa do Paul Marsh, com a família... Depois de tudo o que lhe aconteceu, senti que não podia recusar.

– Quem?

– O Paul; Paul Marsh...

Houve uma pausa na linha.

– Sim, claro. O jovem Paul. Sempre consegui vender aquele *Ford Cortina*?

– O quê?

– Duvido que receba muito por ele. Está cheio de ferrugem. Consegue-se enfiar o dedo na chapa.

– Edward, do que estás a falar? – perguntou Erika.

Marsh tivera um *Ford Cortina* vermelho, mas isso fora há muito tempo, no início dos anos noventa.

– Oh, claro. Estou a fazer confusão... não dormi bem. Como estão eles, depois do que aconteceu?

Erika não sabia o que responder. Torceu o fio do telefone nos dedos. Edward tinha quase oitenta anos, mas até ali mostrara-se sempre muito lúcido.

– Ainda passou pouco tempo. Não os vejo desde...

Ouviu a chaleira apitar em fundo.

– Dá-lhes os meus cumprimentos, está bem?

– Claro.

– Vou desligar, querida. Só preciso da minha chávena de chá matinal e de acordar. E de abrir as minhas prendas. Fica bem e feliz Natal.

– Edward, de certeza que está tudo bem? – começou Erika, mas ele desligara.

Olhou para o telefone durante um momento, depois foi até à janela. A mansão vitoriana em frente era grande e ornamentada e, como o resto das casas da rua, fora transformada em apartamentos. Havia várias luzes acesas e numa das janelas viu um casal com duas crianças a abrir os presentes em volta de uma grande árvore de Natal. Uma mulher com um casaco grosso avançava a custo pelo passeio, de cabeça baixa por causa da neve, puxando um pequeno cão preto. Erika voltou para junto do telefone e levantou o auscultador, depois pousou-o novamente.



Arranjou-se e saiu de casa pouco antes das onze. Nevava bem, e a rua estava bastante calma, com as lojas fechadas; viu algumas crianças a atirar bolas de neve umas às outras.

Ao passar de carro pelas lojas junto à estação de comboios de Crofton Park, o trânsito ficou mais intenso e lento, e depois parou. Os limpa-para-brisas faziam barulho ao limpar a neve seca. Mais à frente, apercebeu-se das luzes azuis da polícia. Isso animou-a um pouco; fê-la pensar em trabalho. O trânsito avançou um pouco, e logo após a Crofton Park School, uma das ruas à esquerda estava cortada por dois carros-patrolha e fita. O detetive John McGorry conversava com dois agentes junto à fita esvoaçante. Quando Erika se aproximou, buzinou e eles olharam.

– O que se passa? – gritou ela, descendo o vidro.

Uma rajada de neve entrou no carro, mas ela não ligou. McGorry levantou as lapelas do sobretudo preto e aproximou-se. Era um jovem bonito de vinte e poucos anos, com cabelo escuro e franja. Tinha pele macia e clara, e as faces ruborizadas do frio. Quando chegou junto da janela dela, afastou o cabelo com uma mão enluvada.

– Feliz Natal, chefe. Vai a algum sítio bonito? – perguntou, vendo que ela aplicara maquilhagem e pusera brincos.

– A um almoço... o que se passa?

– Uma jovem foi encontrada esfaqueada à porta de casa. Quem fez aquilo passou-se, há sangue por todo o lado – respondeu McGorry, abanando a cabeça. O tráfego começou a avançar e ele recuou para o passeio, esperando que Erika arrancasse. – Bom almoço; eu esperava estar de folga agora. Vai amanhã?

– Quem é o inspetor-chefe de prevenção hoje?

– O Peter Farley, mas está num esfaqueamento triplo em Catford. As pessoas parecem não parar de se matar apenas porque é Natal.

O carro à frente afastou-se e uma carrinha atrás apitou. Erika pensou que o cenário de um crime era bem mais apelativo do que o almoço de Natal com Marsh. A carrinha buzinou de novo. Ela meteu a primeira e subiu o passeio, fazendo McGorry dar um salto para trás. Pegou na identificação e no casaco e saiu.

– Mostre-me a cena do crime – pediu.

Erika mostrou a identificação, e ela e McGorry passaram sob a fita da polícia. Avançaram pela rua, ladeada por casas decrepitas, os vizinhos a observá-los das respectivas portas, alguns já vestidos, outros de pijama, atentos à barreira montada na extremidade da rua e à outra onde vários agentes fardados se aglomeravam.

Erika teve alguma dificuldade em acompanhar McGorry, pois os sapatos de salto alto que calçara para o almoço de Natal escorregavam no passeio gelado. Desejou que o tempo estivesse quente para poder descalçar-se.

– É o pior dia para fechar a rua; já tivemos de mandar embora pessoas que vinham visitar familiares... – Olhou para trás e viu Erika apoiada a uma parede próxima enquanto avançava cuidadosamente.

– O que foi? – perguntou ela quando alcançou McGorry, que a observava.

– Nada. Trouxe saltos altos – comentou ele.

– Excelente trabalho, detetive.

– Não, está bestial. Quero dizer, elegante, muito bonita...

Erika franziu o sobrolho e fez menção de se afastar da parede, mas escorregou. McGorry agarrou-a quando estava prestes a cair.

– Quer segurar-se no meu braço? – perguntou ele. – A casa fica ali ao fundo.

– Nem por isso, mas pode ser mais rápido. E não quero espalhar-me ao comprido diante dos agentes.

Apoiou-se no braço dele e avançaram mais devagar.

– Eu usei saltos uma vez – disse McGorry.

– Ai sim?!

– Saltos agulha de doze centímetros. Quando estava em Hendon, organizámos um espetáculo de Natal beneficente. Fiz o papel de Lady Bracknell em *A Importância de Se Chamar Ernesto*.

Apesar do constrangimento, Erika sorriu ao avançar pelo gelo.

– Saltos agulha de doze centímetros? Lady Bracknell não era uma senhora vitoriana idosa e emproada?

– Calço o quarenta e sete. Foram os únicos sapatos de salto alto que consegui encontrar que me servissem – disse ele, indicando os seus sapatos grandes.

– Quanto dinheiro conseguiram angariar?

– Quatrocentas e setenta e três libras e cinquenta...

– Então, vá, mostre-me um pouco da sua Lady Bracknell – pediu Erika.

– *Uma mala?* – brincou ele, imitando o *vibrato* de uma idosa da classe alta.

Erika abanou a cabeça e sorriu.

– Ainda bem que não desistiu do trabalho diurno.

Soltou o braço dele quando chegaram à fita seguinte, frente a uma casa geminada perto do fim da rua. Um muro baixo e uma sebe alta e coberta de neve ocultavam o jardim da frente, e através do portão aberto viram um monte de técnicos forenses de macacão de papel azul. A agente junto à fita olhou para a identificação de Erika.

– Já chamámos um inspetor-chefe. Está atrasado, num esfaqueamento triplo em Cat... – começou ela.

– Bem, ele não está aqui, e eu estou – interrompeu Erika. A agente assentiu e levantou a fita. Aproximaram-se da carrinha estacionada rente ao passeio. Outra agente, de meia-idade, sisuda, com um *piercing* no nariz e cabelo grisalho curto, entregou a cada um deles um macacão. Despiram os casacos, pondo-os em cima da carrinha.

– Caramba, está um gelo! – exclamou McGorry, vestindo o macacão por cima do fato.

– Chegou aos doze negativos esta noite – disse a agente. Erika apoiou-se à carrinha, equilibrada num pé, e vestiu o macacão, mas o salto esquerdo prendeu-se e rasgou a perna quando o puxou para cima.

– Merda!

– Eu guardo isso num saco, tem aqui outro – disse a agente. Erika pegou-lhe e vestiu-o, mas a cena repetiu-se. – Devia estar de sapatos rasos, especialmente num dia como este.

Erika fitou-a furiosa, e McGorry desviou educadamente o olhar enquanto ela pegava no terceiro fato e o enfiava com êxito. Subiu o fecho, e ambos cobriram a cabeça com o capuz. Puseram as proteções nos sapatos, Erika, mais uma vez, com alguma dificuldade, mas assim que ficaram prontos, aproximaram-se do portão da frente e entraram no minúsculo jardim.

Isaac Strong, o patologista forense, trabalhava no pequeno espaço com dois assistentes. Era um homem alto e magro com quarenta e poucos anos. O cabelo castanho-escuro ralo espreitava sob o capuz do macacão. Tinha sobrancelhas longas e finas, o que o fazia parecer constantemente intrigado.

Sob a janela, jazia, de barriga para cima e salpicado de sangue, o corpo de uma jovem. Tinha um casaco preto comprido aberto. A temperatura negativa da noite dera ao sangue derramado a consistência de um gelado vermelho-rubi. Tinham-lhe cortado a garganta, e era aí que o sangue estava mais concentrado, espalhando-se numa poça por baixo dela. Ensopara-lhe o vestido caikai verde com uma racha na perna esquerda que revelava meias pretas e cinto de ligas, e salpicara a janela e o peitoril.

– Bom dia, feliz Natal – disse Isaac, abanando a cabeça.

O cumprimento ficou a pairar, incómodo. Erika olhou para o rosto da jovem. Exibia uma expressão de medo. Tinha os lábios arrepanhados e um dos dentes da frente estava partido perto da gengiva. Os olhos, embora já enevoados, eram cor de violeta e lindos, mesmo na morte.

– Sabemos quem é? – perguntou Erika.

– Marissa Lewis, de vinte e dois anos – respondeu Isaac.

– É uma identificação formal?

– A mãe descobriu o corpo esta manhã e há uma carta de condução na carteira dela.

Erika acorrou-se para ver melhor. Havia um *nécessaire* com as iniciais «M. L.» meio enterrado na neve próximo da cerca, e perto um sapato preto de salto alto. Ambos tinham ao lado números de plástico.

– Alguém tocou no corpo?

– Não – respondeu McGorry. – Fui o primeiro a chegar, com um agente fardado. A mãe encontrou-a e disse que não tocou em nada.

– Sabes a hora da morte?

– O frio vai dificultar isso – disse Isaac. – A garganta foi cortada com uma lâmina bem afiada, resultando em cortes profundos nas duas carótidas de cada lado do pescoço. Podes ver que isso originou uma perda de sangue rápida, e ela deve ter-se esvaído depressa. Tem o indicador da mão direita quase decepado e há lacerações no polegar, no dedo médio e nos braços, o que indica que ergueu as mãos para se defender.

– Não há como sair do jardim, a não ser pelo portão ou pela porta da frente – disse McGorry.

Erika viu que, além da janela, a porta também tinha sangue coagulado na tinta azul desbotada.

– São as chaves dela? – perguntou, vendo várias num porta-chaves em forma de coração.

– Sim – respondeu McGorry.

Erika fechou os olhos, imaginando a mulher a ser atacada por um maluco com uma faca naquele pequeno espaço. Abriu-os novamente e olhou para o rosto de Marissa.

– Ela tem o nariz partido – observou.

– Sim. E a face esquerda. Também encontrámos o dente da frente, cravado no poste do portão – disse Isaac.

Erika e McGorry viraram-se para lá, e viram um marcador numerado fixo a meia altura. A neve agarrava-se aos tijolos. Ao lado havia um contentor do lixo com rodas e uma caixa de reciclagem cheia de garrafas vazias de vodca. Erika virou-se e olhou para a casa. As cortinas estavam fechadas, não havia luzes acesas.

– Onde está a mãe?

– Na casa da vizinha – respondeu McGorry, indicando uma casa do outro lado da rua.

– E temos a certeza de que a vítima mora aqui? Não veio visitar a mãe no Natal?

– É preciso verificar isso.

– Vai ser difícil movê-la – disse um dos assistentes de Isaac, que acabara de tirar a neve das pernas salpicadas de sangue.

– Porquê? – perguntou Erika.

Ele olhou para ela – um homem pequeno com grandes olhos castanhos intensos. Apontou para a grande poça de sangue congelado sob o corpo.

– Por causa do sangue. Ela está colada ao chão.

Isaac aproximou-se do portão com Erika. Olhou para as nuvens baixas e cinzentas.

– Tenho de a tirar daqui antes que o tempo piore; vem aí mais neve – disse ele.

Ela olhou na direção do corpo; os assistentes de Isaac estavam cuidadosamente a libertá-la do solo gelado e encharcado de sangue. Erika sentiu os habituais horror e excitação perante o local de um crime. Grande parte da sua vida estava fora do seu controlo, mas tinha o poder de descobrir quem fizera aquilo. E iria encontrá-lo.

– Quando achas que podes fazer a autópsia?

Isaac encheu a boca de ar e soprou.

– Desculpa. Daqui a dois dias. Tenho outras à frente; nesta altura do ano, há muitas mortes suspeitas. E já te disse? Mudei de poiso. Agora trabalho na morgue do Lewisham Hospital.

– Desde quando?

– Desde que a morgue em Penge foi vendida a um empreiteiro. Puseram um grande cartaz a anunciar os Parkside Peninsula Apartments há algumas semanas, e mudámo-nos na semana passada. Está a causar todo o tipo de atrasos.

– Parkside Peninsula Apartments, Penge – repetiu Erika, arqueando uma sobrancelha.

Isaac imitou-a.

– Ah, e outra coisa – disse ele. – Os salpicos de sangue. A pessoa que fez isto ficaria coberta de sangue e teria uma arma na mão, mas as gotas terminam abruptamente no portão.

– Achas que limpou a faca? Ou tinha um veículo estacionado perto do portão? – perguntou Erika.

– Isso cabe-te descobrir – respondeu Isaac. – Digo-te qualquer coisa quando fizer a autópsia. – Voltou para junto do corpo.

Erika e McGorry despiram os macacões, entregaram-nos e passaram por baixo da fita da polícia. A seguir abotoaram os sobretudos. Acabara de chegar uma grande carrinha de apoio que tentava estacionar junto ao passeio. Um dos carros-patrolha avançara para lhe dar espaço, e ficara preso na neve, as rodas a girar em vão.

– Então, estamos à procura de alguém que podia ter um carro – disse Erika. – Chegou e partiu no veículo. Mas de onde? – Erika observou a rua toda. A casa ficava na extremidade, e existia uma viela ao lado. Dava para os jardins das traseiras das casas da Howson Road, paralela à Coniston Road. – Quero começar o porta a porta o mais depressa possível. Deve haver muita gente em casa no dia de Natal. Quero saber se alguém viu alguma coisa, e preciso das informações dos suspeitos da zona: infratores violentos, qualquer pessoa com condenações prévias ou em andamento.

Dois agentes ajudavam a empurar o carro-patrolha. O motor rugiu e as rodas giraram no mesmo sítio.

– No fim da rua paralela a esta existe uma ponte ferroviária que liga ao Fitzwilliam Estate – disse McGorry.

Erika assentiu.

– Vale a pena incluí-lo no porta a porta, mas quem for lá tem de ter cuidado. – Sabia que o Fitzwilliam Estate, como muitos prédios camarários em áreas pobres, era perigoso. Olhou para as vielas nas traseiras das casas geminadas. – E temos de verificar se algum portão dá para as vielas...

Afastaram-se quando o carro-patrolha se libertou da neve. Passou por eles a grande velocidade, virou à direita no fim da rua e estacionou frente à escola. A carrinha de apoio ocupou o lugar vago e desligou o motor. No silêncio súbito ouviram o clique do obturador de uma máquina fotográfica. Erika virou-se para McGorry.

– Ouvia aquilo? – murmurou.

Ele assentiu. Olharam para as janelas em volta, mas não viram nada. Escutaram um restolhar. Erika virou-se e olhou para os ramos

de um carvalho alto do outro lado da rua, ao lado do gradeamento da escola. Um jovem na casa dos vinte deslizava por eles. Pousou no gradeamento e desceu para a viela. Tinha um ar desgrenhado, cabelo loiro comprido e uma máquina fotográfica com uma teleobjetiva pendurada ao pescoço. Olhou para Erika e McGorry, e correu para a viela coberta de neve.

– Ei! Pare! – gritou Erika.

McGorry foi atrás dele, e Erika seguiu-o. O jovem usava um casaco comprido que adejava enquanto corria. Saltou para a tampa de um caixote do lixo e transpôs um muro com árvores altas atrás. Segundos depois, McGorry chegou ao caixote, levantou o casaco e içou-se com dificuldade. Erika avançou a custo, enquanto McGorry se agarrava a um ramo coberto de neve e subia para o muro.

– O que há aí...? – começou ela, mas ele saltou e aterrou do outro lado com um baque e um grito. Os ramos acima do muro balançaram, desalojando a neve, e depois ficaram imóveis. Erika ouviu mais gritos e, instintivamente, estendeu a mão para o rádio no bolso, mas não estava lá. Olhou para a viela, e a rua do crime parecia distante.

– Merda, se ele partiu alguma coisa... – murmurou, pensando na quantidade de papelada que teria de preencher. Afastando o pensamento, descalçou os sapatos e enfiou-os nos bolsos do sobretudo, antes de o levantar para se pôr em cima do caixote do lixo. A tampa de plástico dobrou-se e inclinou-se com o seu peso. Ela pôs a perna no muro e agarrou-se a um ramo para se firmar, soltando mais neve que lhe caiu na cabeça. No lado oposto, o chão era mais alto, e Erika caiu suavemente numa zona cheia de folhas entre o muro e as árvores. Tornou a calçar-se e saiu do meio das árvores para um grande jardim coberto de neve. Viu dois conjuntos de pegadas e dois barracões, uma estufa e a seguir um longo túnel de polietileno para proteger plantas. Os muros altos do jardim abafavam os sons do trânsito vindo das ruas vizinhas.

McGorry avançava lentamente na direção dos barracões. Virou-se para Erika e levou um dedo aos lábios, apontando para o segundo barracão, mais próximo da casa. Ela assentiu. A casa era grande mas deteriorada. Tinha as janelas de guilhotina sujas e a tinta a lascar. Um portão alto no canto estava bloqueado por caixotes do lixo a

transbordar. A porta das traseiras tinha um pequeno alpendre com degraus até ao jardim cheios de vasos de plantas.

Quando Erika parou junto de McGorry, de dentro da casa chegou-lhes uma cacofonia de relógios a dar as horas. O rapaz loiro apareceu atrás do barracão e correu de novo para o muro. McGorry foi mais rápido, e derrubou-o. Erika correu até eles, mas perdeu um dos sapatos e caiu na neve.

– Acalme-se! – gritou McGorry enquanto o rapaz se debatia, desferindo socos e acertando uma vez no rosto de McGorry.

– Saia de cima de mim! – exclamou o jovem.

Era magro, de rosto esguio e feroz e olhos azuis demasiado afastados. Erika levantou-se, perdendo o outro sapato. McGorry continuava a tentar controlar o jovem, que esperneava, e, em seguida, conseguiu enterrar o rosto de McGorry na neve. Este esbracejou e agarrou a máquina fotográfica, apertando a correia em volta do pescoço do rapaz. Este soltou a nuca de McGorry e agarrou a correia que lhe apertava o pescoço.

– Para trás! – gritou uma voz. – Solte-o!

Uma mulher corpulenta e idosa de macacão cor de laranja surgira nos degraus do alpendre, empunhando uma caçadeira. Tinha cabelo grisalho pelos ombros e usava óculos enormes que lhe ampliavam os olhos. Apontou-lhes a arma e avançou na direção deles através da neve.

Erika levantou as mãos. Os olhos da idosa pareciam enlouquecidos, e ela sentiu que a situação se agravara de súbito. McGorry tossiu e cuspiu neve, ainda a segurar a correia com força. O jovem tentava freneticamente aliviar a pressão sobre a garganta.

– John, solte-o! – gritou Erika. McGorry obedeceu, e o rapaz caiu sobre a neve, tossindo. – Sou a inspetora-chefe Erika Foster, da Polícia Metropolitana de Londres, e este é o inspetor John McGorry. Podemos mostrar-lhe a identificação, mas tem de baixar a arma... agora.

A mulher olhou, ansiosa, entre Erika e McGorry, mas não baixou a caçadeira.

– Estão a atacar o meu filho e invadiram a minha propriedade!

– Somos da polícia e o seu filho entrou sem autorização na cena de um crime e tirou fotografias – disse Erika. Perguntou a si mesma do que seria capaz a mulher.

– Joseph! Afasta-te deles! – gritou a mulher, ainda a apontar-lhes a arma.

Joseph tossiu e cambaleou para ela, com o casaco coberto de neve.

– Elspeth! – gritou outra voz. Um idoso surgiu atrás dela na porta das traseiras. Parecia um professor universitário excêntrico e usava capa azul e um gorro pontilhado de lantejoulas. Tinha uma lupa presa à cabeça com uma faixa que lhe aumentava um dos olhos.

– Elspeth, baixa isso imediatamente!

– Somos polícias e podemos mostrar-lhe a identificação – disse Erika, com o coração a bater acelerado. Sentia-se estúpida por se ter metido naquela situação e estava descalça. Tinha os pés dormentes do frio. O homem tirou delicadamente a espingarda a Elspeth e abriu o cano.

– Não está carregada – disse ele, pousando-a no braço como um guarda-caça. – E temos licença para ela.

– Meu menino, meu menino! – exclamou Elspeth, que puxara Joseph para si e o examinava, passando-lhe as mãos pelo pescoço e olhando-o nos olhos. – Magoaram-te? Estás bem?

Joseph parecia um pouco atordoado e em choque.

– Porque estava a arma tão à mão? – perguntou Erika.

McGorry apoiara-se sem fôlego nos joelhos e cuspiu neve.

– Se fizerem o favor de entrar, senhores agentes, podem secar-se e juntos podemos resolver isto – disse o homem.